

NATAL – NASCIMENTO DE JESUS

Em diversos números de **Suryoye** foi tomado o tema do valor do Natal, o Nascimento de Jesus conforme entendimento dos sacerdotes e filósofos da Igreja de Antioquia. Já comentamos também que em aramaico o Natal é chamado de "a`edo dmaulodo" e "a`edo za`úro" ou seja a "festividade do nascimento" e a "pequena comemoração" ou ainda, a "festividade pequena". Em contrapartida temos a Ressurreição de Jesus conhecida como: "a`edo rabo" ou a "grande comemoração" e ainda a "grande festividade". A explanação que a Igreja nos dá é que a grande alegria para o ser humano somente veio quando Jesus morreu e ressuscitou dentre os mortos e com isso derrotou a morte que era o destino do ser humano nessa Terra ou seja, todos morrem. Agora, no entanto, sabemos que existe vida após a morte. Não é na morte que tudo acaba ou que a morte seja nosso destino— nosso destino é a vida eterna e é na Ressurreição de Jesus que está toda a diferença para a humanidade. Por isso a Páscoa é o "a`edo rabo" e o Natal é o "a`edo za`úro".

Com toda essa explanação, porém, ainda assim o Natal é uma festividade pois, sem dúvida, o nascimento do Salvador da humanidade deve ser comemorado. O próprio Deus mandou o chefe de seus anjos, Gabriel, até uma adolescente virgem e anunciou-lhe que ela seria a portadora da energia de Deus na Terra e que dela nasceria o Salvador. A adolescente Maria (em aramaico se diz: **máriam**) se admira e como qualquer virgem inocente porém não ingênua indaga como isso é possível? Para isso, colocamos ao final deste número um hino cantado nos mosteiros de nossa Igreja Siríaca de Antioquia relatando esse encontro. É uma composição dos primeiros cristãos e que foi cristalizada em forma musical e poética ao final do 4º século. Nele é mostrada toda a face humana de Maria, a dúvida, a inocência da adolescente (em aramaico, adolescente é **Talitha**) e aceitação do destino determinado por Deus, conforme a narrativa do Novo Testamento. Eis o relato de S. Lucas: capítulo 1 versículos 26 até 35.

- “ 26. No sexto mês, foi enviado por Deus, Gabriel, o anjo, para a Galiléia, para uma cidade cujo nome é Nazaré
27. Para uma virgem, noiva de um homem cujo nome era José, da casa de Daví e o nome da virgem era Maria.
28. E entrou o anjo e disse-lhe “ Salve cheia de graça, o Senhor é contigo, abençoada és entre as mulheres
29. Ela, então, quando viu admirou-se com a palavra dele e pensou para consigo “que saudação é esta?”
30. E disse-lhe o anjo “não temas Maria, pois encontrei a graça de Deus
31. Eis que engravidarás e darás a luz a um filho e chamarás Seu nome de Jesus
32. Ele será grande e Filho do Alto será chamado e dar-lhe-á o Senhor Deus o assento (trono) de seu pai
33. E reinará sobre a casa de Jacó para sempre e Seu reino fim nunca terá
34. Disse Maria ao anjo: como pode isso pois nenhum home me conheceu?
35. Respondeu o anjo e disse-lhe: O Espírito Santo virá e a energia do Alto descerá sobre ti e por isso Aquele que nascer de ti é Santo e Filho de Deus há de se chamar.”.

Sugerimos também, a leitura da “**Interpretação da Glória a Deus nas Alturas dos anjos na noite de Natal**” do grande filósofo Yaqüb de Serug que viveu no sexto século, a qual publicamos na edição de número 57 de **Suryoye**.

[Reproduzimos ao final, o relato original de S. Lucas, versão PexiTo, em aramaico]

ܕܘܢܝܢܐ ܕܘܢܝܢܐ ܕܘܢܝܢܐ

Abençoado é o Nascimento de Nosso Senhor

HISTÓRIA DA IGREJA DO ORIENTE

(CONTINUAÇÃO DO Nº 62)

O mundo cristão oriental passou por duas grandes discussões que deixaram sérias seqüelas. A primeira foi com o padre Arios que deu início ao movimento conhecido como “arianismo” na história eclesiástica e a segunda foi o nestorianismo. A diferença entre elas é grande porém ambas dizem respeito à natureza de Jesus Cristo. Arios defendia que Jesus não era divino mas apenas uma criatura que fora criada por Deus, tal como qualquer homem. Os cristãos fiéis, adeptos da Igreja de Antioquia nunca aceitaram essa tese pois, se a salvação viesse por qualquer ser humano então, não seria necessário que Deus viesse ao mundo e assumisse um corpo através da Virgem Maria e se sacrificasse para salvar a humanidade. Já o nestorianismo, fruto da dialética helênica de Nestor, patriarca de Constantinopla, afirmava que Maria era tão somente a mãe de Jesus e não a mãe de Deus. Para o povo em geral, essa diferença não fazia sentido pois Jesus é Deus que se fez homem para morrer, ressuscitar e salvar a humanidade.

Historicamente, no oriente, o arianismo foi abandonado após séculos, por convicção dos sacerdotes que não mais o pregaram (no ocidente, ressurgiu no protestantismo sob diversas formas; Isaac Newton foi um dos sábios que defendia a orientação do arianismo e em nossos dias vemos diversas denominações que surgiram no continente americano com orientação arianista, entre elas as mais famosas são “Testemunhas de Jehová” e “Mormons”).

A segunda grande divisão foi a do nestorianismo. Nesse caso, parte dos assírios e persas que estavam integrados na Igreja de Antioquia se apegaram a essa tese e separaram-se da Igreja de Antioquia. A separação de parte dos assírios da Igreja de Antioquia fez com que ambas partes avançassem para a Pérsia, Índia, China e até o Japão numa corrida de ocupação de espaço; com isso, esses territórios acabaram por também se dividir. Com a divisão causada na Igreja de Antioquia surgiu então a Igreja Assíria do Oriente com sede na cidade de Quetessifão (também grafada: Ctesifon; em aramaico: **q̄eTesiphon**). Ela tomou essa denominação pois a região da Assíria Ocidental continuou fiel a seus princípios que eram da Igreja de Antioquia. A região da Assíria Ocidental compreende hoje a região de Tur Abdin até a Cilícia para o ocidente (na Turquia) e até a Jazirah do Norte na Síria e Mosul no Iraque. A Assíria Oriental compreendia a parte oriental do atual Iraque e a Pérsia (atual Irã). Entretanto, por sorte do destino, um adepto dessa Igreja Assíria do Oriente teve entre seus ouvintes um puxador de camelos de uma caravana que se deslocava entre Meca (na Árabia) e Síria. Esse puxador de camelos, depois de muito tempo, iria se auto-proclamar profeta de Deus e tentou difundir as idéias de Nestor; porém com outra conotação: a do poder temporal, além de outros desvios filosóficos incompreendidos para ele. O adepto da Igreja Assíria do Oriente era Sarkis (Sérgius) que por seu profundo conhecimento tinha o cognome de **bahira** (em aramaico significa: “de profundo saber” e também: “grande analista”) e que erroneamente os árabes traduzem como “lagoa” por deturpação da pronúncia para: **buháira**. Esse erro, tal como muitos outros provém do fato que, tanto em aramaico – até o 8º século, quanto em árabe – até o 10º século, não se usavam os sinais diacríticos (como os dois pingos sobre uma palavra para indicar o plural em aramaico ou o ponto sobre a letra “r” em árabe para indicar a letra “z”; somente os mestres é que conheciam as diferenças) e nem as vogais curtas mas apenas as consoantes e as semivogais; assim, **bahira** seria: **bhyrA** e em árabe seria **bhyrh** (essa última letra “h” é lida como se fosse a vogal curta “a”) e se colocarmos as vogais erradas teremos, em árabe: **buháyah** que significa “lagoa”, nome ou cognome que ninguém daria a seu filho no oriente. Há relatos também de que o nome verdadeiro de Sarkis era Wárqa bin Naufal. O adepto de **bahira** Sarkis (ou **bahira** Warqa) era Muḥammad (Maomé), fundador do islão.

Isso aconteceu durante o patriarcado de Juliano I da Antioquia (591 a 595 d.C.). Enquanto a Igreja de Antioquia estava preocupada com a expansão do cristianismo para a Ásia Oriental, ela não se deu conta de que o Oriente Médio seria tomado pelas tribos árabes nômades que se aproveitaram de um momento de fraqueza do Império Bizantino e do Império dos Partas (persas) pois ambos estavam em constante guerra havia séculos e Antioquia era a região de limite entre ambos, sofrendo tanto quando os romanos do oriente (i.e. os bizantinos já cristianizados) a tomavam como quando tombava sob o domínio dos partas (i.e. os persas pagãos).

RITUALÍSTICA— X

Uma data muito importante para a Igreja de Antioquia e também para as demais Igrejas Cristãs posteriores à de Antioquia e que se tornaram basilares ao cristianismo é o batismo de Jesus Cristo.

Dentro do ciclo intermediário, isto é pós-natalino e anterior à Páscoa, temos o batismo de Jesus por S. João Batista. A Igreja comemora o batismo de Jesus em 6 de janeiro. O relato bíblico está no Novo Testamento (**diatíqi hēdatho**, em aramaico), nos Evangelhos. Extraímos do capítulo 3 do Evangelho de S. Mateus esse relato:-

Veio então Jesus da Galiléia para o rio Jordão, para junto a João a fim de ser batizado por ele. Mas João procurava impedi-lo, dizendo: «Sou eu que devo ser batizado por ti, e tu vens a mim?». Jesus, porém, respondeu-lhe dizendo: «Por enquanto deixe como está! Porque devemos cumprir toda a justiça.» E então concordou. Depois de ser batizado, Jesus logo saiu da água. Então os céus se abriram, e viu-se o Espírito de Deus, descendo como pomba e pousando sobre ele. E eis que uma voz dos céus veio, dizendo: «Este é o meu Filho amado, que muito me agrada».

Essa data também é conhecida no ocidente como **epifânia** que provem da língua grega e significa: manifestação pois o Espírito Santo se manifestou logo após o batismo de Jesus.

Temos dois fenômenos ritualísticos. O primeiro é o batismo e o segundo a epifânia. O batismo é um simbolismo e a epifânia uma realidade. O batismo representa a purificação do ser humano de seus pecados (erros espirituais). O primeiro relato de batismo foi o de Guilgameche (também grafado Gilgamesh). O relato estava na biblioteca de Assurbanipal, em Nínive que mandou buscar as tabuletas cuneiformes assírias (na época dele a língua popular já era o aramaico) e a narrativa data de alguma época entre meados do 4º milênio e meados do 3º milênio a.C. Os sumérios e assírios dessa época já praticavam o batismo como simbologia da purificação. Essa prática foi introduzida no judaísmo na época do cativeiro por que passaram na Babilônia (5º século a.C.). Ao tempo de Jesus Cristo, havia os judeus que o aceitavam e os que o não aceitavam por ser uma “prática estrangeira”. Os fariseus que dominavam o templo de Jerusalém e formavam a casta dominante de então, bem como seus apoiadores, os zelotes, não o aceitavam. Outros, como os saduceus e essênios o praticavam. João Batista (batista significa “aquele que batiza”) foi o último profeta antes de Jesus e o aceitava e conclamava todos ao batismo como purificação à espera do messias (em aramaico se diz **mexiho**). Também para os cristãos, o batismo é a porta de entrada do cristianismo.

O batismo, em aramaico se diz **a`emodo** é uma palavra cuja origem é o substantivo **a`amudo** que significa pilar ou coluna e **a`emodo** é o ato de colocar o pilar na vertical (em pé). No batismo, nos primórdios do cristianismo, a pessoa que seria batizada deveria ficar em pé na água do rio e sobre ela era jogada a água simbolizando a ablução espiritual. Somente pessoas com 12 ou mais anos de idade poderiam ser batizadas pois com essa idade a pessoa já era considerada responsável por seus atos. A Igreja passou a batizar crianças pois os pais ficavam temerosos de as crianças virem a falecer sem “entrarem no cristianismo” por causa das inúmeras guerras e suas conseqüências tal como fome e doenças que surgiram no império romano. Além disso, no Oriente ainda tivemos que suportar inúmeras outras guerras e perseguições étnicas e religiosas e com isso, há séculos, a nossa Igreja Siríaca de Antioquia, passou a batizar como norma genérica, crianças com 8 meses ou mais e excepcionalmente com menos que 8 meses.

Ajude a propagar o cristianismo de oriente. Imprima e encaminhe um exemplar ou o link do jornal a um conhecido.

(<http://www.igrejasiriansantamaria.org.br/jornal.htm>).

CULTURA ORIENTAL—XIII

Entre os pratos frios que tipificam o oriente estão a **tábouli** e o **fatúch**. Por não conterem carne ou alimentos provenientes de animais mas tão somente cereais e vegetais, esses dois alimentos são usados pelos adeptos da Igreja de Antioquia durante as abstinências ou após os jejuns.

Tanto a **tábouli** quanto o **fatúch** são saladas frias que utilizam o trigo como base porém diferem substancialmente na forma de uso desse ingrediente.

A **tábouli** é feita de trigo moído em grãos médios ao qual se mistura cebola picada, pepino picado, salsinha picada, hortelã e manjerição também picados. Depois de tudo misturado, acrescentam-se os condimentos: sal, pimenta e também suco de limão ou vinagre e azeite de oliva. Os apreciadores de **tábouli** comem essa salada com folhas de alface sem cortar, ou seja, pega-se um pouco de **tabouli** e enrola-se numa folha de alface e em seguida come-se o rolinho de alface com **tabouli** dentro.

O **fatúch** é feito com os mesmos ingredientes, excluindo deles o trigo. No lugar do trigo coloca-se pão cortado em fatias e tostado. Esse pão é o conhecido pão sírio, descrito na edição 62 de *Suryoye*. No lugar da cebola comum coloca-se cebolinha picada e a alface é picada e misturada aos demais ingredientes. Aos condimentos acrescenta-se o “**sumáq**” (em português é conhecido como *sumagre* e também por *colorau* – sumagre é uma palavra que tem sua origem em “sumaq”).

A partir da introdução do tomate no oriente, também foi acrescentado tomate picado a ambas as saladas dando-lhes um colorido vivaz.

Há quatro diferenças visíveis entre os dois pratos. A primeira é a forma como o trigo entra no preparo do prato, ou seja, enquanto na **tábouli** é grão de trigo, no **fatúch** é pão. A segunda diferença está no manuseio do trigo; na **tábouli** ele é utilizado cru enquanto que o pão é o trigo preparado em massa e cozido; ainda assim, a base é o trigo. Outra diferença visível é a alface que se contrapõe ao trigo: se o trigo é moído a alface é usada em folhas e onde o trigo aparece em formato grande, ou seja, pão, a alface é picada. Finalmente, no **fatúch** a cor vermelha é ressaltada através do “**sumáq**” que também lhe dá um sabor sua-

vemente azedo.

Sobre os ingredientes e sua origem que não condiz com o deserto árabe basta reler a parte de Cultura Oriental dos números 61 e 62 de *Suryoye*.

Não vamos entrar nos detalhes da confecção dessas iguarias orientais pois não é a intenção desse informe. A intenção é mostrar a influência da cultura dos povos orientais da antiguidade na cultura da Igreja de Antioquia e como isso afeta a cultura oriental contemporânea.

Qual a origem desses pratos? É muito difícil estabelecer a origem deles na antiguidade pois quando o ser humano começou a escrever, todos os ingredientes já eram conhecidos desde o norte da África até a Índia e até a China. O que podemos é tentar uma análise dos nomes dos pratos e alguns ingredientes, como evoluíram os nomes e ficaram conhecidos e a partir daí concluirmos a origem deles.

Vejamos o que descobrimos sobre a **tábouli**.

Em assírio e aramaico, assim como em fenício e hebraico, temos o verbo “**bol / bolel**” que significa: confundir; misturar. A partir do radical verbal é possível derivarmos diversos substantivos e adjetivos, assim, por exemplo, de:

katex (lutar, brigar) temos **taketuxo** (briga, luta),

mêho (destruir) temos **tamehito** (destruição)

enah (gemer) temos **tenaheto** (gemido)

audi (agradecer) temos **tauditó** (agradecimento)

Essa mesma regra gramatical era aplicada aos substantivos dos quais se derivavam outros, por exemplo de:

nuro (fogo) temos **tanuro** (forno)

Finalmente, do radical verbal **bol**, já vimos que significa misturar, derivou-se **tábouli** ou seja, mistura. Observemos que a **tábouli** é exatamente uma mistura (mixórdia) de trigo com outros ingredientes (no Brasil, principalmente no interior de São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso, Paraná e Mato Grosso do Sul, ou seja, por onde os bandeirantes passaram e colonizaram, o termo “mistura” em culinária, possui um significado diferente do significado básico que utilizamos aqui). Outra observa-

ção: como em português não existe o som de **áin** (16ª letra do alfabeto aramaico e fenício) é preciso ficar claro que o verbo **bol**, acima mencionado, não se relaciona com o nome da divindade pagã **baal** pois esse se escreve com **áin** e significa “senhor”.

Por que **tábouli** não seria uma palavra árabe? Os árabes preferem a letra “m” para fazerem as derivações, assim temos de: **xáraba** (beber) – **maxrúb** (bebida); **qatala** (matar) – **maqtúl** (assassinado); **hába** (amar) – **mahbúb** (amado) e **mahába** (amor).

Fatuch por sua vez, é uma palavra composta por uma palavra aramaica e uma terminação de origem duvidosa (alguns dizem que é turca, mostraremos outra possibilidade).

fat em aramaico significa cortar e a forma intensificada é **fatfet** que significa: picotar, cortar diversas vezes. Esse termo combina com o preparo dos ingredientes porém, o que mais chama a atenção é que o pão não é cortado no momento do ato de comer mas é cortado e preparado antes e além disso, é cortado em diversos pedaços pequenos (um pouco maior que os “*crutons*” dos franceses). Já a terminação “uch” provem também do aramaico **tuch** / **tauech** que significa delirar. A letra “t” inicial de **tuch** funde-se com a “t” final de **fat** e acabou sendo assimilada por esta última. Nos primórdios da civilização, o ser

humano ingeria alimentos simples e geralmente temperados com um único tempêro: sal ou limão pois, basta lembrarmos que a condição humana anterior à civilização era de nômade (ambulante, errante sem destino). Nessa condição, somente era possível carregar um único tempêro, em geral sal pois esse era mineral e demorava anos para se deteriorar. Os outros temperos eram vegetais e logo deterioravam, por isso, somente eram usados se colhidos e processados para uso imediato, assim acontecia, por exemplo, com o limão; usava-se o seu suco imediatamente. Com o sedentarismo veio a possibilidade de se processarem e se guardarem os alimentos por mais tempo em ambientes protegidos do sol e da chuva e de outras intempéries e até mesmo poderiam ser transportados por distâncias longínquas e daí em diante puderam ser usados outros tempêros. A combinação de diversos tempêros bem dosados foi alcançada pelo ser humano após alguns milênios de sedentarismo e o uso dessas combinações levavam o ser humano a um prazer indiscreto, delirante; talvez daí a terminação “**tuch**” / “**uch**” de **fatuch**, com a idéia de delírio.

Colocando um ponto final na discussão, a palavra “**sumaq**”, esse tempero avermelhado, levemente azedo e muito utilizado pelos libaneses, sírios, palestinos, iraquianos – conhecidos como “árabes” bem como pelos judeus orientais, pelos turcos e outros povos, é uma palavra tipicamente da língua aramaica. “**sumaq** (**sumoqo**)” significa: vermelho, em aramaico (em árabe a cor vermelha é **áhmar**).

Aviso Importante

A Diretoria da Igreja Sirian Ortodoxa Santa Maria informa que o calendário de mesa para o ano de 2.014 já foi distribuído via correio. Quem não o recebeu deverá comunicar seu endereço correto e completo (nome da pessoa, rua, número, complemento, bairro, cidade, estado e CEP) pelo e-mail:

contato@igrejasiriansantamaria.org.br

Jejum de Nínive

Este jejum é importante dentro da Igreja de Antioquia pois celebra a fé do rei de Nínive e de todos seus súditos assírios em Deus e também é a primeira conversão de não judeus a acreditarem que com a fé haverá salvação que é a pregação de Jesus Cristo, quase 700 anos depois.

O jejum de Nínive tem duração de 3 dias. Quem precisar de orientação para seguir o ritual do jejum de Nínive poderá pedir esclarecimentos a Padre Gabriel.

FINAL DE ANO

Mais um final de ano. É 2.013 que se vai e 2.014 chegando.

É hora de fazermos um balanço de nossa vida cristã e verificarmos o que realizamos dos nossos ideais que nos propuséramos a fazer no início de 2.013 e se faltou algo, se poderemos realizá-lo em 2.014.

Todo cristão deve viver de forma plena o cristianismo, isto é, os objetivos que Jesus traçou para nós nesta vida para sermos dignos da vida futura com Ele.

Muitos se perguntam “quais esses objetivos”?

Não são muitos porém cada um deles possui uma força extraordinária para mudar o mundo em que vivemos para algo melhor do que o encontramos. A Igreja de Antioquia nos faz pensar como devemos proceder para atingirmos esses objetivos. Podemos seguir as recomendações:

- 1) Tenho fé? (ou acredito que pela morte e ressurreição de Jesus fui salvo) - Sim / Não
- 2) Reconheço meus erros espirituais (pecados)? (basta fazer uma confissão para si mesmo meditando sobre as atitudes de cada dia) - Sim / Não
- 3) Freqüento a missa? - Sim / Não
- 4) Ajudo os necessitados? - Sim / Não
- 5) Divulgo a mensagem de Cristo? - Sim / Não
- 6) Evito palavras vãs? - Sim / Não
- 7) Sempre leio o Novo Testamento? - Sim / Não

Um pequeno balanço nos revela quão próximos estamos de Cristo. Algumas atitudes dizem respeito a foro íntimo (os itens 1 e 2), outras são públicas (item 6 e 7) e outras ainda traçam o caminho que devemos percorrer para ficarmos mais próximos do ideal de Cristo (itens 4, 3 e 5). Observemos que algumas atitudes são facilmente alcançáveis, por exemplo, antes de comungarmos poderemos meditar sobre os nossos erros espirituais e nos propormos a não mais cometê-los; assim também, em relação à ajuda a necessitados, podemos fazer donativos nas campanhas aos necessitados, isso se não pudermos auxiliá-los diretamente (a Igreja Sirian Ortodoxa Santa Maria mantém uma conta aberta para essa finalidade: www.igrejasiriansantamaria.org.br/contribuicao.htm). Outras atitudes talvez não sejam de fácil cumprimento ou talvez nós pensemos que não o sejam; por exemplo, divulgar a mensagem de Cristo. Parece difícil. Ocorre que essa pode ser mais fácil de cumprir que outras. Uma sugestão seria encaminhar os amigos ao endereço da Igreja (www.igrejasiriansantamaria.org.br). Outra forma seria encaminhar paulatinamente os textos lá inseridos, mostrando-lhes como podem proceder, como fazer o bem aos seus semelhantes. Outra ainda seria participar e trazer os conhecidos (pode ser filho, amigo, mãe, pai etc) para participarem na missa e rituais (participar é fazer parte não quer dizer que o fiel deva ser o sacerdote ou o diácono, basta ser ouvinte).

Também podemos participar ajudando nas preparações dos acontecimentos sociais que vão influenciar as pessoas que virão aos eventos, basta fazer parte dos movimentos sociais da Igreja.

Finalmente, se nessa nossa análise sentirmos que não estamos como pensamos que deveríamos estar, então precisaremos procurar quem nos oriente para caminharmos pela trilha da Luz e da Verdade. Para isso devemos nos aconselhar com os nossos sacerdotes (no caso da Igreja Sirian Ortodoxa Santa Maria é o padre Gabriel).

TEXTOS EM ARAMAICO

1. Oração Inicial

(1) ܠܟܗ ܬܝܚܘܗܝܬܗ ܡܠܬܗ ܝܗܝܐ ܐܠܗܘܐ

Lokh texevuHetho meltho edHaie aloho

ܠܟܗ ܬܝܚܘܗܝܬܗ ܡܠܬܗ ܝܗܝܐ ܐܠܗܘܐ:

davSevionokh ethbassart

ܘܚܘܨܝܐ ܐܠܗܝܢܐ.

men mariam Tuvonitho

ܡܢ ܡܪܝܡ ܬܘܒܘܢܝܬܗ.

hoy davnafexo uavfagro

ܝܗܝ ܘܘܨܝܘܢܐ ܘܘܦܝܘܨܝܘܢܐ:

dakhio uoth uqdixo uoth

ܘܘܫܠܐ ܘܘܫܠܐ ܘܘܫܠܐ ܘܘܫܠܐ.

ebTentokh ger edlo zuuogho

ܝܗܝܬܘܢ ܕܝܗܝܬܘܢ ܘܘܠܐ ܘܘܫܠܐ.

uiledhtokh ela`el men meltho

ܘܘܫܠܐ ܘܘܫܠܐ ܘܘܫܠܐ ܘܘܫܠܐ.

seTar men zare`o noxoio

ܘܘܫܠܐ ܘܘܫܠܐ ܘܘܫܠܐ.

baTeno dmen ruHau edhqudhxo.

ܘܘܫܠܐ ܘܘܫܠܐ ܘܘܫܠܐ ܘܘܫܠܐ.

2. Aramaico – texto, pronúncia e tradução da oração citada à página 2

(2) ܠܟܗ ܬܝܚܘܗܝܬܗ ܡܠܬܗ ܝܗܝܐ ܐܠܗܘܐ

Emrath Mariam elgavriel rix malakhe

ܐܡܪܬܐ ܡܪܝܡ ܝܘܠܝܐ ܘܘܫܠܐ ܘܘܫܠܐ

Daikan tehue hodhe desabarton uáiko

ܘܘܫܠܐ ܘܘܫܠܐ: ܘܘܫܠܐ ܘܘܫܠܐ. ܘܘܫܠܐ:

Uváino zaveno extáme`ath: bethultho

ܘܘܫܠܐ ܘܘܫܠܐ ܘܘܫܠܐ: ܘܘܫܠܐ

edveTnath kadh lo etheHakhmath

ܘܘܫܠܐ. ܘܘܫܠܐ ܘܘܫܠܐ:

pani a`iro

ܘܘܫܠܐ.

edheruHo qadixo níthe

ܘܘܫܠܐ ܘܘܫܠܐ ܘܘܫܠܐ.

uHíl a`eloio

ܘܘܫܠܐ ܘܘܫܠܐ

nagen unexre bekh.

ܘܘܫܠܐ ܘܘܫܠܐ.

TRADUÇÃO E OBSERVAÇÕES

Disse Maria a Gabriel, chefe dos anjos
 Como pode isso que me anunciaste e onde?
 E em que época se ouviu: uma virgem
 Ficar grávida sem ser conhecida*?
 Respondeu o sempre-acordado**:
 É porque o Espírito Santo virá
 E a Energia do Alto
 Descerá e pousará em ti.

Observações –

(*) Na concepção dos povos da Mesopotâmia, Síria, Fenícia e outros, “uma mulher conhecida” significava que ela tinha marido que a conhecia ou seja a mulher somente deixava de ser virgem se ela tivesse um marido. Se olharmos a poesia acima e juntarmos a idéia da oração inicial deste número, veremos que a pergunta de Maria era de uma menina adolescente virgem pois nenhum homem a conhecia.

(**) “Sempre-acordado” (ou “sempre-atento”) – esse é um cognome comum entre os povos orientais que foram submetidos pelo poder dos assírios e sumérios e assimilaram a cultura desses povos. Para esses povos tanto os anjos e demais seres espirituais nunca dormem e por isso o anjo é chamado de “sempre acordado” (em aramaico: *a`iro* = ܐܝܪܘܐ).

ܡܥܣܐ ܐܠܗܝܢ ܥܝܢܐ ܥܠ ܡܪܝܢܐ ܡܝܩܡܐ ܐܠܗܐ ܕܐܝܚܐ
 ܡܥܠܝܢ ܥܝܢܐ ܥܠ ܡܪܝܢܐ ܡܝܩܡܐ ܐܠܗܐ ܕܐܝܚܐ
 ܡܥܠܝܢ ܥܝܢܐ ܥܠ ܡܪܝܢܐ ܡܝܩܡܐ ܐܠܗܐ ܕܐܝܚܐ

Cristo nasceu em Oriente vieram os o venerar. Pergun- Onde nasceu o Rei dar viemos para



Belém e do reis magos para tavam dizendo: pois para o sa- ajoelharmos e a

Ele reverenciaremos!

O Conselho e a Diretoria Executiva
da
Igreja Sirian Ortodoxa Santa Maria
e a
Liga das Senhoras da Igreja de Santa Maria
desejam a todos os fiéis da Igreja Sirian Ortodoxa no Brasil
Feliz Natal e um Próspero Ano de 2014

ܩܘܪܒܢܐ ܕܥܘܠܡܐ ܕܥܘܠܡܐ ܕܥܘܠܡܐ
ܕܥܘܠܡܐ ܕܥܘܠܡܐ ܕܥܘܠܡܐ ܕܥܘܠܡܐ



Glória a Deus nas Alturas

E sobre a Terra Paz e Harmonia e Boa Esperança aos homens !

ܩܘܪܒܢܐ ܕܥܘܠܡܐ ܕܥܘܠܡܐ ܕܥܘܠܡܐ
ܕܥܘܠܡܐ ܕܥܘܠܡܐ ܕܥܘܠܡܐ ܕܥܘܠܡܐ
ܕܥܘܠܡܐ ܕܥܘܠܡܐ ܕܥܘܠܡܐ ܕܥܘܠܡܐ